

Patrimônio Cultural de Pernambuco



ERMIDA PRIMITIVA

Em meados do século XVI, a então vila de Olinda se constituía da Rua Val de Fontes e da Rua Nova, que se alongavam, de leste a oeste, desde a Matriz do Salvador do Mundo até a Igreja da Santa Casa de Misericórdia. A cavaleiro da colina, que hoje se chama de Alto da Sé, o donatário da Capitania de Pernambuco edificara o seu Palácio, que Vernagen considerou "uma espécie de castelo quadrado à maneira das torres de menagem dos solares da idade média". No entorno dessa construção, conhecida como "a torre", cujas ruínas ainda eram visíveis no século XVIII, foram surgindo casas, ermidas e ruas. Na Rua Nova, além da torre ou fortaleza de Duarte Coelho, já em 1542, existiam a praça ou mercado, a casa da câmara, a ferraria e um terreno reservado para "a casa da cadeia que se há de fazer".

Em colinas circunvizinhas foram construídas, ainda antes da invasão holandesa, as ermidas de Nossa Senhora do Monte, de Santo Antônio e de São Gonçalo. Nesta, de acordo com Soares Mariz, costumava ouvir missa o donatário.

"Duarte Coelho - registra o Padre Serafim Leite - fundou, num outeiro de sua vila de Olinda, uma ermida a Nossa Senhora da Graça com intuito de a oferecer aos religiosos de Santo Agosti-

Igreja de Nossa Senhora da Graça

OLINDA - PERNAMBUCO

RUBENS GONDIM LÓSSIO

nho, se viessem ao Brasil. Não vieram. Por isso quando os jesuítas chegaram à Capitania, doou-lha o Governador". Efetivamente, em fins de julho de 1551, chegaram a Olinda o Padre Manoel da Nóbrega (carta de 13.09.1551) e o Padre Antônio Pires (carta de 02.08.1551), ambos da Companhia de Jesus.

Dessa primitiva ermida nada se sabe quanto à sua fisionomia e constituição. Seria de simples taipa ou conteria já algum material mais permanente? Ignora-se até se se assemelharia às ermidas pintadas por Frans Post. O que resulta incontestável é a sua reduzida capacidade testemunhada pelo Padre Nóbrega, quando em carta de

18.08.1554 escreve: "E destes hé a multidão tanta que não cabeu na igreja e muytas vezes hé necessário fazerem duas esquipações deles".

TEMPLO PEQUENINO

Por incumbência de D. Pero Fernandes Sardinha, saiu o Padre Antônio Pires a visitar o norte da Diocese do Brasil, tudo indicando que a obra jesuíta em Pernambuco permaneceu paralizada até 1560. Em carta de 18.09.1563, porém, escreve o Padre Antônio Sá: "começamos, dia de Santa Anna, abrir os alicerces da nossa igreja".

Desse templo pequenino não há menção da técnica utilizada na

construção. A partir da extração de pedra a que se refere o missivista é de concluir-se que se edificou algo mais sólido que a taipa. Nenhum comprovante, todavia, se pode apresentar, pois a própria abertura das cavas nas pesquisas arqueológicas praticadas recentemente não levou a encontrar vestígios sequer dos alicerces abertos em 26.07.1563.

A essa "igreja pequena, mas ornada de bons ornamentos", na expressão do Padre José de Anchieta, refere-se o Padre Serafim Leite como sendo "de medíocres proporções".

Em sua tese de concurso à Livre Docência para o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco - na qual se aborda com erudição e profundidade a Igreja de Nossa Senhora da Graça de Olinda - o Prof. José Luiz Mota Menezes assevera que "da mesma forma que dissemos da ermida, cremos, não se terá talvez jamais a oportunidade de saber a forma da segunda igreja dos iniciais em Olinda. Dela restou apenas a expressão: "pequena e, em proporções, estreita".

Em 1567, concluída a igreja, os Padres Antônio Sá e João de Melo retornaram à Bahia e, pela segunda vez, é suspensa a missão da Companhia de Jesus em Pernambuco. Contudo, ao voltarem em 1569, os jesuítas reassumem a igreja e instalam o colégio naquele

Pe 374022
Ex 1
8950295

mesmo sítio que passou a ser conhecido como Ponta de Jesus. Em sua História da Companhia de Jesus no Brasil informa a respeito o Padre Serafim Leite: "construiu-se depois, fora da portaria de entrada, o edifício para a escola dos meninos, que ali funcionava já em 1571".

IGREJA DEFINITIVA

"Estabelecendo-se dotação em 1576 — pondera o referido historiador jesuíta — convinha que houvesse igreja digna da terra e dos Padres".

Na verdade, em texto de 1618, afirmava Brandonio que "essa Capitania é tal que se antecipa a sua riqueza e abundância à fama que dela dão os que a viram pelo olho. . . De pouco tempo a esta parte a dividiu Sua Santidade com as mais Capitânicas de Tamaracá, Paraíba e Rio Grande, do Bispado da Bahia de Todos os Santos, criando nelas novamente por Administrador, Antônio Teixeira Cabral, prelado mui consumado nas letras e virtudes, com título de Administrador da Paraíba". Econômica e socialmente, Pernambuco já se afirmava de maneira destacada. A colher o depoimento de Fernão Cardin, em narrativa epistolar de 1583, "há homens muito grossos de 40, 50 e 80 mil cruzados de seu. . . Vestem-se e as mulheres e filhos de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas e nisto têm grande excesso. As mulheres são muito senhoras e não muito devotas, nem freqüentam as missas, pregações, confissões etc. . . Enfim, em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa".

Se, por uma parte, o fausto da terra havia de refletir-se no caráter monumental das construções, por outra parte, a Igreja de Nossa Senhora da Graça teria de conformar-se ao estilo jesuíta do primeiro século de atividades da Companhia de Jesus. A primeira Congregação Geral em 1558 dispõe que "nossas casas e colégios serão sãos e sólidos. . . mas fiéis à pobreza" e a segunda Congregação Geral em 1565 estabelece que "se deverá enviar ao R.P. Geral o plano de nossos edifícios a construir para que se possa decidir aquilo que melhor pareça ao Senhor". Embora nenhuma referência específica se faça às igrejas, como observa Moisy, também estas eram submetidas à apreciação do poder central ou pelo menos enviadas à autoridade regional. Jean Vallery-Radot dá notícia do registro de mais de 300 planos de igrejas arquivados na Biblioteca Nacional de Paris. Em Roma encontram-se 3 planos de colégios

e igrejas da Bahia, num comprovante de que se procedia ao envio ao Padre Geral. A propósito, o Padre Serafim Leite documenta a prescrição de que em Salvador "não se construam sem prévio plano e atenda-se à perpetuidade. . . Razão: ainda que custa mais, sai mais barato".

No caso da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Olinda, houve hesitação quanto à utilização do mesmo local do templo iniciado no dia de Santa Anna de 1563. Por redobrados motivos, recorreu-se ao Provincial da Ordem, em Salvador da Bahia.

"MODO NOSTRO"

O Visitador Cristóvão de Gouveia encarregou o Irmão Francisco Dias de rever os planos da igreja e do colégio de Olinda. Numa revisão por amor da economia ou numa verdadeira recriação, o admirável arquiteto jesuíta imprimiu ao plano da Igreja de Nossa Senhora da Graça o estilo da Companhia de Jesus, dominante naquele século.

Com efeito, "il modo nostro" não consistia propriamente num partido ou padrão arquitetônico, mas consistia numa nova maneira de encarar e encarnar a relação fiel-espço. Possuída do espírito da contra-reforma, a Companhia de Jesus se empenhava em construir igrejas que realmente condicionassem maior vi-

são do celebrante e do pregador. Daí emergia a preponderância da nave central.

O primeiro plano da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Olinda, de acordo com Paulo Santos, se aproxima daquele que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris como indicado para a Igreja do Rio de Janeiro. Dele tem a semelhança das aberturas através de grandes seteiras e não de janelas, a existências de 2 tribunas ligadas ao corredor que ia do coro da igreja ao corpo da quadra, bem como a disposição dos nichos para confessionários em menor número e a substituição dos dois primeiros por capelas rasas.

Fundamentalmente, a Igreja de Nossa Senhora da Graça se baseou no modelo da Igreja de São Roque em Lisboa, à cuja feição deve a fachada em panos isolados por entablamentos e pilastras, o plano da marcação rasa do transepto, bem assim a disposição da capela-mor e das capelas laterais. Todavia, difere da mesma, cujas capelas colaterais alteram a leitura do espaço interior, e, com a nave praticamente única, se distancia de suas co-irmãs peninsulares.

Se a disposição das aberturas e das proporções das capelas e confessionários foi colhida da Igreja de São Paulo em Braga, a verdadeira fonte romana para a igreja jesuíta em Olinda residuiu na Igreja dell'Annunziata do Colégio de Roma, construída entre 1561 e

1567 e posteriormente destruída para a edificação da igreja-padrão "Il Gesu". Da Annunziata imitou-se a fachada, com porta única e grande óculo e o corpo com quatro nichos, assim como o friso de cimalha real, com triglifos e métopas.

Ressaltadas a predominância da nave sobre as capelas, num vazio arquitetônico, e a perfeita interligação das partes, inclusive as do colégio, a igreja olindense deixa transparecer as fortes diretrizes de Giovanni Tristano, cuja marca se imprimiu nas casas quinhentistas dos jesuítas em Lisboa, Luan-da, Ilhas Terceiras, Madeira e Goa. Desta sintaxe jesuíta, o exemplar mais destacado no Brasil é, sem dúvida, a Igreja de Nossa Senhora da Graça em Olinda, a respeito da qual afirma o Padre Serafim Leite: "de uma só nave, no mais puro estilo jesuíta, dizia-se a mais bela do Brasil".

FASE DE CONSTRUÇÃO

Em 1584, ao Padre Augustin del Castillo sucedeu o Padre Luiz da Grã, como reitor do colégio, que então constava apenas de 19 câmaras assobradadas. A igreja era ainda aquele pequenino templo iniciado no dia de Santana de 1563.

Revisto ou recriado o plano da nova igreja pelo Irmão Francisco Dias, as obras de construção teriam tido início pelo Padre Luiz



da Grã no mesmo ano de 1584, embora não antes de novembro. Também nesse ano foi doado à igreja um retábulo do valor de 1.000 cruzados. No dia 26.12.1585 inaugurou-se a capela de Santana e em 1589 se ergueu a torre com relógio. Posteriormente, foi engastada na estrutura da torre a sineira retratada em pintura por Frans Post.

Como se empreendeu a um só tempo a reedificação do colégio e da igreja, esta se beneficiou em detrimento daquele. Uma "Annu" de 1590 dá conta de que a igreja "crescia a olhos vistos" e, com mais 2 anos, já estava concluída, faltando somente cair. Ao tempo da passagem do Padre Pero Rodrigues, em 1597, enquanto se registrava a igreja "de traça de São Roque, quase acabada", dava-se como apenas iniciado o colégio. Este, por sinal, ficou bastante endividado em 1604, adiantando-se as suas obras em 1607, quando houve generosidade de auxílios.

A capela de São Jerônimo foi ultimada em 1615, momento em que são executadas pinturas sob as abóbadas e colocados azulejos nas paredes. A imagem de Nossa Senhora da Paz chegou em 1620 e, além da capela-mor, uma terceira capela se edificou ao lado direito da nave. A propósito, levantam-se dúvidas quanto à contemporaneidade dessa última capela, pelo fato de a assimetria não ser aceita àquela época. Em 1630, o conjunto jesuíta era seguramente superior às demais construções de Olinda.

Tanto o colégio como a igreja foram atingidos pelo incêndio de Olinda provocado pelos holandeses em 1631. Diferentemente do que afirma o Padre Serafim Leite, nem tudo "ficou reduzido a um monte de ruínas, onde crescia o mato". Abandonada a cidade pelos invasores, índios de estâncias circunvizinhas acodiram a obra, salvando parte considerável. Assim é que Frans Post pôde documentar, em desenhos e pinturas, expressivas vistas do colégio e da igreja, incluída a sineira na torre do relógio.

"A reedificação — observa o grande historiador jesuíta — iniciou-se logo depois da expulsão dos invasores, e em 1660 ia em plena atividade, dentro de um plano que se qualifica de elegante. . . Em 1666 estava concluída". No alto do arco da capela-mor ficou inscrita a data de 1661. Em época imprecisa, construiu-se a capela de Nossa Senhora das Angústias, sempre com o incentivo do direito de os benfeitores sepultarem seus entes queridos nesses lugares san-

tos. Também se foram acumulando imagens, relíquias e pratarias.

Expulsos os jesuítas do Brasil pelo Marquês de Pombal, em 1760, passou ao Fisco o colégio "que era o maior e o melhor edifício de Olinda". No final do século XVIII, o conjunto foi doado à Mitra, que, mediante algumas remodelações, o adaptou para Seminário dedicado à formação do Clero. Ultimamente, com a crise que se abateu sobre as vocações e as casas de formação eclesiástica, o antigo Colégio Real de Olinda tem sido utilizado pela Arquidiocese para variadas atividades pastorais. Por sua vez, a igreja foi contemplada nessa última década com oportuna e excelente obra de restauração, que lhe descobriu e recuperou os valores históricos e artísticos originais.

Ressalvadas algumas reformas chamadas de "obras novas" que não chegaram a descaracterizá-la, a Igreja de Nossa Senhora da Graça conserva o traço primitivo atribuído ao arquiteto Francisco Dias, comprovando-se a antiguidade de sua construção, reconhecidamente quinhentista. Preservada até hoje a sua "modulação e modernatura clássica", ela se constitui no maior e melhor testemunho da arquitetura jesuíta do século XVI no Brasil.

TIPO DE ARQUITETURA

A Igreja de Nossa Senhora da Graça e o Real Colégio dos Jesuítas, juntamente com a Igreja do Salvador ou Sé e o Convento e Igreja dos Carmelitas, em Olinda, caracterizam "o primeiro ciclo monumental" de Pernambuco. Retomando alguns informes acima expendidos e colhendo novas informações, seja da tese do Prof. José Luiz Mota Menezes, seja da exposição de motivos do projeto de restauração executado pela FUNDARPE, pode-se traçar o perfil arquitetônico da Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, abordando-o mesmo em certos detalhes relevantes.

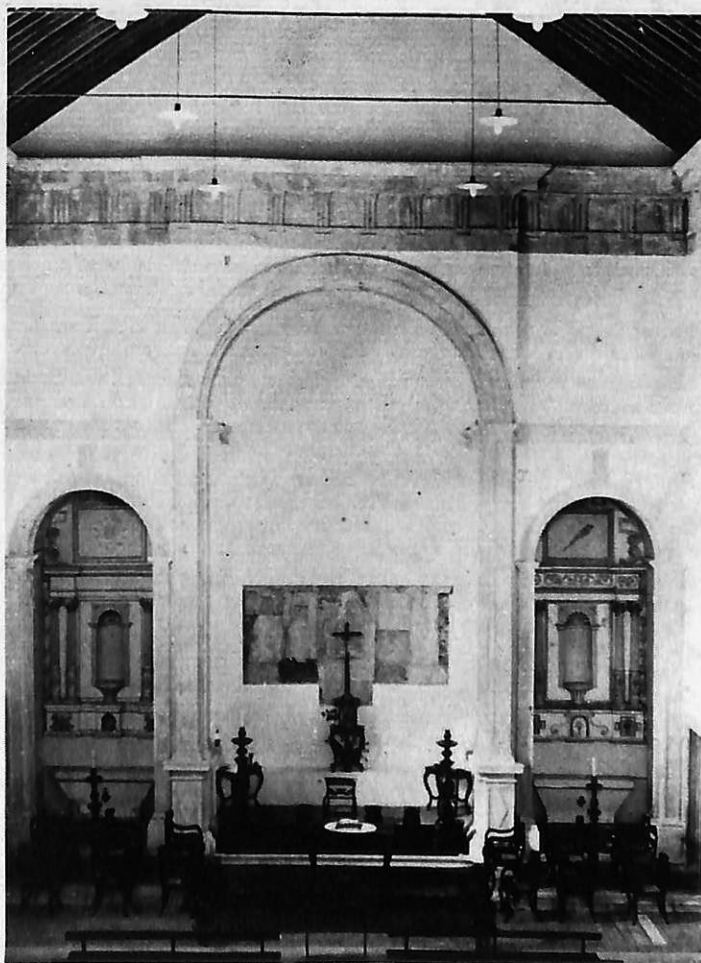
Realmente, ela se identifica como um templo quinhentista de singular valor para a arquitetura religiosa do Brasil-Colônia. O risco do plano denuncia um autor competente e experiente, a um tempo, familiarizado com os tratados de arquitetura coetânea e ambientado com as coordenadas tropicais. O partido da planta conjuga harmoniosamente as diretrizes do "modo nostro" jesuíta com as influências românicas e portuguesas, tudo aplicado ao topo da Ponta de Jesus, em Olinda.

Perseguindo a simplicidade e sobriedade, de par com a perpe-

tuidade e funcionalidade, como características arquitetônicas do primeiro século da Companhia de Jesus, o Irmão Francisco Dias planejou um templo que, ao invés de copiado, resultou em feliz composição, posteriormente um tanto desvirtuada pelo enriquecimento barroco. Fiel ao "modo nostro", dominado pelas diretrizes de Giovanni Tristano, o conjunto da igreja e colégio pode ser considerado dos melhores, se não o melhor do Brasil. Além do fácil acesso do público, as ligações entre as diversas partes são das mais bem acabadas. A intercomunicação das capelas se soma a interligação da quadra dos padres com o coro da igreja e desta com as aulas do colégio. Volumetricamente, harmonizam-se as arquiteturas, estabelecendo-se um equi-

Paulo em Braga. Tal conjugação de influências lembram o plano indicado para a igreja do Rio de Janeiro, que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris.

Construção indubitavelmente do século XVI, como afiança Lúcio Costa, especialista na arquitetura jesuíta, a igreja tem fisionomia anterior à invasão holandesa. A fachada principal, marcada pelo friso de cimalha real, com triglifos e metopas, conta apenas com a porta e um grande óculo, enquanto a fachada lateral tem somente uma janela à altura do coro e duas grandes frestas de boa largura e grande altura. A sineira, apanhada por Frans Post, foi engastada na estrutura da torre erguida sobre a capela da Epístola. As duas seteiras ou frestas, substitutivas de janelas, correspondem simétrica-



líbrio entre a extensão horizontal do colégio e a predominância vertical da igreja, aparentemente contrastante pela sua escala diferente.

A "fachada-templo", na expressão de Bazin, derivaria "dell' Annunziata" do Colégio Romano. A cabeceira da igreja se inspiraria na Igreja de São Roque em Lisboa. As capelas e confessionários sairiam à moda da Igreja de São

mente às duas tribunas, que até no início do corrente século davam para um corredor que interligava o corpo da quadra com o coro da igreja.

No interior, as paredes laterais contrastam com a composição arquitetônica da capela-mor, faltando bom acabamento onde se inserem as capelas e os alçados laterais, assim como distoa a des-



As imagens encontradas nas escavações estão sensivelmente danificadas

continuidade da moldura que corre do capitel do arco cruzeiro e mergulha nas paredes. Esses aspectos negativos na composição do interior, principalmente no relacionamento entre a cabeceira e as laterais, talvez se expliquem pela necessidade de utilizar frestas ou pelo comprometimento de modificar o tratamento dos alçados laterais.

Vale ressaltar na Igreja de Nossa Senhora da Graça em Olinda algumas diferenças fundamentais em relação às suas congêneres portuguesas. A nave praticamente solitária, despojada e simples, se “valoriza nas capelas, onde as cantarias têm perfilaturas inspiradas nos tratados de Sérgio, Palládio e outros”.

A iluminação se faz de forma consciente da realidade tropical, produzindo-se, através de frestas e óculo, um efeito românico e português de luz coerente com a época, que se compunha com uma penumbra mística.

Também os azulejos se destacam em seus dois padrões policromos, dos quais Santos Simões considerava um muito raro, pertencente à série por ele chamada de “camélias”, mas com uma variedade encontrada pela primeira vez. Enquanto são de notar certas particularidades, como o desenho e a colocação, é de lamentar a im-

perfeição da pasta e da esmaltação, bem como o emprego de avivagens em segundo e até terceiro fogo. Parte central de uma parede ficou sem azulejos, provavelmente por aproveitamento de alguns deles, ao adaptar-se uma sala para capela.

Na sacristia sobressai o lavabo em mármore com embutidos do século XVII. Mas, o destaque maior reside nas pinturas e nos retábulos. Destes foram salvos apenas dois, de gosto quinhentista, tidos por Lúcio Costa como dos mais antigos do Brasil. Do primitivo retábulo da capela-mor, as prospecções para a restauração descobriram vestígios, por trás do retábulo mais recente. “Nos restos de retábulos de cantaria e pedra calcária, há uma inscrição à mão em holandês, ainda não traduzida”.

Vale comemorar que das recentes escavações, além de restos de capitéis, da ordem coríntia, indicando 2 andares na capela-mor, foram encontradas as imagens de Santo Inácio, São Francisco Xavier, Nossa Senhora da Graça e Cristo-Morto. Sensivelmente danificadas, o Prof. José Luiz Mota Menezes descreve-as “da linha da escultura portuguesa do final do século XVI; em pedra, com sobriedade e caimento natural do panejamento, parecendo estereo-

tipadas em padrões uniformes; feitas em série para nichos, segundo a época; desprovidas de vida interior, lembram imagens egípcias dos faraós e dos deuses”.

A Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, revelou-se de estrutura em pedra, com argamassa de barro e pedaços de tijolos, uniformes e sem medidas. Na opinião abalizada de Lúcio Costa, a igreja e o colégio são do século XVI. Das obras da Companhia de Jesus, nos anos 500, nada existe no Brasil que apresente tamanha dimensão nem tanto interesse, identificando-se, destarte, como o maior e o melhor monumento.

OBRA DE RESTAURAÇÃO

A Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, como se aconteceu com as edificações, ao longo do tempo, passou por várias modificações que lhe afetaram, embora não substancialmente, a sua fisionomia original. Tal ocorreu, tanto pelos próprios jesuítas, seus construtores e proprietários até o ano de 1760, como pelos administradores da Mitra de Olinda e Recife, para quem o Fisco passou o domínio e uso, a partir do final do século XVIII, quando no conjunto da Ponta de Jesus se instalou o Seminário.

A despeito das “obras novas”, feitas e refeitas no conjunto do colégio e da igreja, desta resistiu à ação dos homens e dos tempos algo muito mais considerável que a simples “modulação e modernização clássica”. Por sob o enriquecimento da decorativa barroca, que posteriormente foi envolvendo a obra, permaneceram idênticas e consistentes as grandes moles e as linhas estilísticas do templo quinhentista, na expressão do seu valor solitário, no cenário da arquitetura colonial brasileira.

Diante disto, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, se impôs como um dos monumentos que clamavam por uma restauração, em Pernambuco.

O projeto foi elaborado pelos arquitetos Fernando de Barros Borba e José Luiz Mota Menezes, em 1973, ano em que, obtida a anuência da Arquidiocese de Olinda e Recife, foi aprovado pelo então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN. Este celebrou convênio com a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco — FUNDARPE, especialmente criada para funcionar como órgão de repasse de recursos financeiros da União para a restauração de monumentos, por administração direta ou indireta. Tanto

o Convênio de 22 de julho de 1973, com o seu Termo Aditivo de dezembro de 1974, como o novo Convênio de 7 de outubro de 1976, compreenderam de maneira conjunta as obras de restauração da Igreja da Graça, da Sé de Olinda e do Palácio dos Bispos.

O projeto, baseado em pesquisas anteriormente realizadas e aberto à linguagem do próprio edifício, durante as obras, ultrapassou todas as previsões do cronograma físico e financeiro. A descoberta de elementos escultóricos em pedra calcária, entaipados ou soterrados no corpo da igreja — inclusive um carneiro ou cripta abaixo do nível do piso da capela — determinaram uma ampla e minuciosa pesquisa arqueológica no monumento. Além do tempo útil empregado nas prospecções, houve que se alongar o período de execuções, em função das definições nas mudanças do partido original da restauração. Tendo em vista a natureza das propostas detalhadas e difíceis, assim como a cautela e precisão das exigências técnicas e estéticas do IPHAN, a total recuperação da Igreja da Graça, iniciada que foi em 1974, só teve os últimos elementos entregues provisoriamente. A entrega em caráter definitivo ocorreu em 31 de maio de 1979.

Ao longo das obras de restauração, dentre outros serviços, empreendeu-se a demolição das “obras novas”, como a edificação anexa, do século XIX, e elementos estranhos no espaço interior; execução e recuperação de partes de cantaria; esquadrias de madeira, com vidros e ferragens; soleiras, pisos e rodapés; elevação de paredes de alvenaria e colocação de lajes de impermeabilização; revestimentos, pinturas, forros e cobertura; portada principal, portão de ferro e grade do coro; e completo agenciamento do entornão, compreendendo desde reaterros e nivelamentos, com drenagem e reservatório d'água, à base de lençóis de chumbo, até revestimentos verticais e horizontais, arborização do jardim e iluminação das partes externas.

Inquestionavelmente, compôs o elastecimento do cronograma físico e financeiro. Com tempo e dinheiro e não sem engenho e arte, numa ação conjunta da União e do Estado, a FUNDARPE recuperou um dos monumentos mais importantes do período colonial e restaurou, de maneira admirável, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, “talvez, a única igreja jesuíta quinhentista ainda remanescente”.